

objetivos que se podem alcançar a partir de uma colaboração frutífera entre investigadores de diferentes países e instituições universitárias.

Por último, há que felicitar os editores desta obra, Maria de Fátima Silva, Maria do Céu Fialho e José Luís Brandão, os autores dos excelentes estudos que a compõem e a Imprensa da Universidade de Coimbra, muitas vezes em associação com a editora brasileira Annablume, pelo importante trabalho de edição e divulgação de livros tão importantes como estes, na sempre atual área dos estudos clássicos.

C. Pimentel e P. Mourão (Coords.). (2017). *A Literatura Clássica ou os Clássicos da Literatura. Presenças Clássicas nas Literaturas de Língua Portuguesa*. Vol. III. Lisboa: Editora Campo da Comunicação, Coleção Documentos. 412 pp.; ISSN: 978-989-6465-35-1; 978-989-6465-40-5.

MARIA FERNANDA BRASETE³ (*Universidade de Aveiro — Portugal*)

Este novo volume surge em continuidade de dois outros livros de atas, editados respetivamente em 2012 e em 2014, e consiste numa coletânea de ensaios, fruto do “III Colóquio Internacional *A literatura clássica ou os clássicos na Literatura*”, que decorreu na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, entre os dias 2 e 4 de dezembro de 2015. A coordenação científica desta coleção mantém-se a cargo das Professoras Doutoras Cristina Pimentel e Paula Morão, responsáveis também pela organização da terceira edição do Colóquio que teve por objetivo promover uma reflexão crítica em torno da receção da Antiguidade greco-latina nas Literaturas Portuguesa, Brasileira, Galega e dos Países Africanos de língua oficial portuguesa. No breve Prefácio, explicitam as coordenadoras que a diversidade de ensaios apresentados confirma “o propósito inicial [de] trilhar as vias do fecundo cruzamento dos alicerces clássicos na literatura portuguesa de todas as épocas” (p. 8). Sendo que 2017 foi o ano em que a academia portuguesa, e os classicistas em especial, perderam um dos seus vultos de maior renome nacional e internacional, que dedicara a vida à celebração viva dos Clássicos, a saudosa Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, decidiram as organizadoras homenagear, com este volume, a memória da “maior classicista portuguesa” (p. 8).

Nesta edição de elevada qualidade científica, investigam-se os modos como se processam a alusão literária e a assimilação de matrizes da Antigui-

³ mbrates@ua.pt.

dade Clássica num número muito significativos de escritores portugueses e brasileiros, em cujas obras a intertextualidade, mais ou menos evidente, se converte num relevante operador de leitura hermenêutica. O volume em recensão compõe-se de 29 estudos, que seguem a ordem cronológica dos autores de que se ocupam, e termina com dois testemunhos valiosos das escritoras portuguesas Teolinda Gersão e Lídia Jorge.

A abrir, Maria do Socorro Fernandes de Carvalho retoma autores como Aristóteles, Cícero e Quintiliano, entre outros, para discutir, de um ponto de vista retórico, o conceito de “modelo”, num ensaio intitulado “Introdução ao Estudo do Conceito Retórico de Modelo” (pp. 9-24). Em “Leituras renascentistas de Luciano: o prólogo da Comédia *Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos” (pp. 25-35), Maria Luísa de Oliveira Resende centra-se, especialmente, na influência do escritor de Samósata na comédia renascentista *Aulegrafia*, cujo *prologizon* é Momo, o deus do sarcasmo. Ricardo Nobre (“E perdoe-me a ilustre Grécia e Roma”: sobre a história antiga n’*Os Lusíadas*, de Luís de Camões”, pp. 37-49) estabelece uma comparação entre heróis portugueses e personalidades da Antiguidade Clássica n’*Os Lusíadas*, para realçar o importante significado que este tipo de referências detém na construção da epopeia. Em “A Cena típica da Cruz” (pp. 51-63), Luís Miguel Ferreira Henriques examina, a partir da cena típica do estandarte, o recorte “político, didático e moralizante” (p. 62) que o discurso historiográfico adquiriu, sob influência dos antigos romanos, na época do Renascimento. No ensaio seguinte (“Um poema a quatro mãos: Faria e Sousa comentador e poeta”, pp. 65-79), Maria do Céu Fraga debruça-se sobre poesia bucólica de Faria e Sousa, concluindo que na égloga *Sintra* “é possível reconhecer no pastor Almeno uma figura alegórica de Camões” (p. 75).

A influência clássica em dois escritores portugueses do século XVII é abordada nos dois ensaios que se seguem: a análise de Marcelo Lachat (“A consolação da poesia em sonetos morais de D. Francisco Manuel de Melo”, pp. 81-91) incide sobre as repercussões dos princípios da filosofia estoico-cristã em dois poemas do multifacetado escritor seiscentista; o estudo assinado por Arnaldo Espírito Santo e Cristina Costa Gomes (“Presença dos Clássicos nas Cartas de Tomás de Figueiredo, S.J. (1646-1708)”, pp. 93-106) apresenta uma reflexão bem documentada sobre “o cruzamento da cultura clássica [...] com a vivência espiritual e religiosa do século XVII” (p.105).

Teodoro de Almeida e Cândido Lusitano são os dois poetas estudados nos estimulantes ensaios de Zulmira Santos (“As margens do texto e a herança clássica: a segunda edição de *O Feliz Independente*”, pp. 107-121) e de Cíntia Martins Sanches (“A produção e a tradução de tragédias em decassílabo português e o estilo tradutório de Cândido Lusitano para o *Édipo* de Sêneca”, pp. 123-134).

Tomam-se, de seguida, como âmbito de estudo, obras e escritores portugueses do século XIX. No ensaio de Ana Rita Figueira (“Os Antecedentes da Guerra de Tróia em *Bella Helena* de Mendes Leal”, pp. 135-145), foca-se a tradução livre da última versão do *libretto* da opereta romântica *La Belle Hélène*, de Offenbach (1964), realizada pelo escritor português, devidamente contextualizada, numa análise intertextual e interdisciplinar que procura redefinir a figura de Helena, com base nos paralelismos e variações que o cotejo dos textos possibilita. A marcada influência da célebre *Oração da Coroa* do ateniense Demóstenes, nas duas versões portuguesas, constitui o tema de estudo de Abel do Nascimento Pena em “Eloquência e liberdade: Demóstenes e a *Oração da Coroa* nas versões de Latino Coelho e de Vieira de Almeida”, (pp. 147-167). Os ecos clássicos no discurso memorialístico de três obras de Eça de Queirós (*Correspondência de Fradique Mendes*, *A Cidade e as Serras* e o *Conde de Abranhos*) são avaliados de forma breve, mas muito perspicaz, em “A presença da Antiguidade Clássica nos relatos memorialístico da ficção queirosiana” (pp. 169-192), da autoria de Ana Paula Pinto. O “classicismo” que se descortina na poesia de Eugénio de Castro é examinado na relação fecunda que estabelece com o “modernismo” por Miguel Filipe Mochila, em “Presença e vontade do classicismo em Eugénio de Castro” (pp. 193-206).

A parte dedicada à literatura portuguesa do século XX inicia-se com dois ensaios dedicados a Fernando Pessoa. O primeiro, de Patrícia Soares Martins, intitulado “A Arena Pagã do Barão de Teive: Para uma Leitura de *A Educação do Estóico* de Fernando Pessoa” (pp. 207-220) pretende analisar de que modo a obra do mais desconhecido semi-heterónimo de Pessoa encena “uma teoria do trágico no sentido que lhe conferiu Hölderlin, isto é, de um trágico sem tragédia, em primeiro lugar, e finalmente, de uma desconstrução do trágico” (p. 219). No seu estudo “Quando regressam os deuses? Para uma teologia das odes de Ricardo Reis” (pp. 221-235), Pedro Braga Falcão divide a sua pertinente discussão do elemento religioso na obra do heterónimo

peçoano em seis categorias para concluir que “vemos, então, no neopaganismo não exatamente um “politeísmo”, mas mais precisamente um “monismo” (p. 234).

Os dois ensaios seguintes recuperam dois nomes de grande importância no panorama literário do século XX, mas por vezes esquecidos: Teixeira de Pascoaes e Aquilino Ribeiro. António Cândido Franco, num sugestivo título “O Espírito Bárbaro Cristão e o Demónio Ciceroniano: Aspectos de São Jerónimo de Teixeira de Pascoaes” (pp. 237-243), traz à discussão o *topos* do anticlassicismo na obra do escritor, para concluir que “se é que efectivamente existiu antes, entra em colapso definitivo no livro de 1936” (p. 239). Da análise das referências, apesar de breves, às figuras de Dáfnis e de Cloe, no primeiro romance de Aquilino Ribeiro, *A Vida Sinuosa* (1918), ocupa-se Cristina Abranches Guerreiro no estudo, intitulado “Ecos de Dáfnis e Cloe em *A Vida Sinuosa* de Aquilino Ribeiro” (pp. 245-252).

Safo e as “Auroras” homéricas são as duas referências clássicas que dão o mote aos estudos seguintes. Em “Safo na Grécia, Faustino no Brasil: a solidão da noite alta” (pp. 253-266), Marina Pelluci Duarte Mortoza intenta descortinar ressonâncias temáticas da poesia sáfica na obra do poeta brasileiro Mário Faustino. Já no artigo de Tereza Virgínia Barbosa (“Auroras e manhãs homéricas no Sertão de Rosa (I)”, pp. 267-276) se dá conta do importante significado que detêm as revisitações homéricas do escritor mineiro, especialmente nos epítetos e fórmulas relativas à “Aurora”, na *Iliada*.

O fascínio exercido pela figura da mãe do imperador Nero, Agripina, leva Maria José Ferreira Lopes a retomar as fontes históricas tradicionais para concentrar a sua análise (“*Cuius est ueritas?* Dois relatos memorialistas pós-modernos da Imperatriz Agripina”, pp. 277-297) em duas obras contemporâneas: *Memórias de Agripina* (1993), de Seomara da Veiga Ferreira, e *Mémoires d’Agrippine* (1994), de Pierre Grimal.

Seguem-se três estudos dedicados à obra de Vergílio Ferreira. No primeiro, assinado por Isabel Pires de Lima, e que se intitula “Vergílio Ferreira: Declinações da presença dos Clássicos” (pp. 299-312), rastreiam-se algumas das influências/referências clássicas que atravessam a escrita vergiliana. Numa senda análoga, e com o objetivo de sublinhar o “desconforto” (p. 313) que o escritor denota em referir as suas influências literárias, nomeadamente clássicas, Rosa Maria Goulart (“Vergílio Ferreira: a cultura dos “poetas mortos”, pp. 313-321) procede a uma reflexão crítica em

torno da interrogação que conclui o seu texto: “Vergílio Ferreira: um clássico olhando com inquietação o futuro ou um (pós) moderno com saudades do passado? (p. 321). No estudo de teor comparatista, apresentado por Ana Seica de Carvalho (“Sobre o envelhecimento: visões de marco Túlio Cícero e de Vergílio Ferreira num esboço comparatista”, pp. 323-332), destacam-se as visões diferenciadas que os dois autores apresentam da velhice.

Partindo da premissa de que nós não conhecemos, de facto, a cultura clássica porque ela nos chegou por “sucessivas mediações e interpretações” (p. 333), José Pedro Serra apresenta-nos uma reflexão hermenêutico-literária sobre um romance “clássico” de Mário de Carvalho (“Enquanto um mundo cai, *Um deus passeando pela brisa da tarde*”, pp. 333-344), estruturada em três eixos temáticos: “O lugar”, “A época” e “A narrativa: acção e construção do sentido”.

No estudo “Catástrofe e Ruína – Entre Synésius de Cirene e João Miguel Fernandes Jorge” (pp. 345-354), Francisco Saraiva Fino examina a influência exercida pela obra do filósofo grego neoplatónico do século IV a.C. na escrita poética de Fernandes Jorge, comungando ambos os autores de uma leitura do tempo como ruína, num nível simultaneamente ontológico e material.

A poesia de Nuno Júdice ocupa um espaço de reflexão no ensaio de José Cândido de Oliveira Martins, em “Metamorfoses de Narciso na poética de Nuno Júdice” (pp. 355-366), estruturado em torno de três eixos temáticos: 1. “Múltiplos reflexos de Narciso”, 2. “Figurações de Narciso em Nuno Júdice”; 3. “Imagens de melancolia”.

Cruzando a poesia de Nuno Júdice com uma breve incursão na literatura moçambicana, Rosa Costa, no seu artigo “O Regresso aos clássicos em “Canto marítimo” e “A infinita fiadeira” (pp. 367-375), apresenta uma reflexão sobre a retoma dos clássicos, com base num conto de Mia Couto e num poema do poeta português.

Uma Viagem à Índia, de Gonçalo M. Tavares, constitui a obra em análise no estudo de Ana Isabel Correia Martins, intitulado “Uma Viagem à Índia: itinerâncias melancólicas de um (anti)-herói clássico (pp. 377-387). A análise desta “odisseia” metafísica do pensamento desdobra-se em três itens temáticos: “1. A melancolia de Bloom: os heróis também choram?”; “2. Os *loci communes* clássicos e a hibridização do género”; “3. O(s) (des)Amor(es) de Bloom: índias não cartografadas em mapas”.

A finalizar a secção de estudos, “*A Rocha Branca*, de Fernando Campos: uma imagem heterodoxa de Safo?”, Cristina Costa Vieira, depois de indagar

os principais motivos da imortalidade da poesia de Safo, concentra a sua análise em dois “imagotipos”, a da “glória literária” e a do “suicídio por motivos passionais” no romance de Fernando Campos, cujo argumento nos transporta para a ilha de Lesbos no Mar Egeu.

Por último, a fechar o volume, aparecem os Testemunhos de duas escritoras portuguesas contemporâneas, com um percurso literário de reconhecido mérito. Teolinda Gersão evoca algumas das suas obras, com grande destaque para o romance *A Cidade de Ulisses*, por forma a esclarecer algumas das inevitáveis influências que as matrizes clássicas exerceram, de forma consciente ou inconsciente, no seu fecundo processo de escrita literária. Por sua vez, Lúcia Jorge confessa a relação, de maior dependência ou distanciamento, e também afetiva, que manteve com esses textos modelares da Antiguidade, considerados “inaugurais [...] e indispensáveis para o entendimento da Humanidade”. Lamentando que se registe, nos tempos de hoje, um certo desinteresse pela aprendizagem e conhecimento da literatura e cultura clássicas, relembra como, afinal, os mitos antigos, os valores do nosso mundo, ideais como o da liberdade e da justiça povoam o imaginário contemporâneo e habitam o nosso espírito enquanto ser humanos.

O volume, agora publicado sob a chancela da Editora Campo da Comunicação, revela-se um instrumento de trabalho muito útil e oportuno, no âmbito dos estudos de receção da Antiguidade Clássica em literaturas de língua portuguesa. Pensado não só para um leitor especialista, tem o mérito de se tornar acessível também a um público mais alargado. No seu conjunto, os ensaios coligidos são inovadores, e é estimulante a perspetivação que nos fornecem dos autores e temáticas abordados. Alguns dos estudos apresentam-se como um bom ponto de partida para investigações mais desenvolvidas.

As referências bibliográficas, sempre organizadas por um critério seletivo, aparecem localizadas no final de cada capítulo.

Nota-se, no entanto, a falta de um índice remissivo no final, que permita ao leitor um acesso rápido a autores, antigos e modernos, bem como às obras citadas.

Para concluir, importa frisar que se trata de uma obra de grande interesse para quem procure compreender a importância das matrizes clássicas em literaturas de língua portuguesa, e conhecer as bases corretas para a investigação e problematização do tema.